

A MUDANÇA DE TESSITURA EM SUJEITOS POSPOSTOS DE *SMALL CLAUSES*

Karina ZENDRON DA CUNHA*

ABSTRACT: The objective of this paper is to investigate whether the inverted subject structures of small clauses show the phenomenon called change of tessitura by acoustic phonetics. In the case we arrive at the conclusion that this phenomenon does occur in these structures, it will be possible to establish, though indirectly, a relation between intonational pattern and syntax. Moreover, we intend to verify whether there is a common intonational pattern underlying both sentences and free small clauses.

KEYWORDS: Phonology-syntax interface; small clause, change of tessitura; inverted subject.

1. Introdução

Segundo Cagliari & Massini-Cagliari (2001, p. 4) a mudança de tessitura é um fenômeno acústico que se caracteriza pela mudança de faixa de frequência fundamental usada pelo falante, que ocorre em ambientes sintáticos bastante específicos. Com base nessa afirmação pretendemos verificar se é possível que a estrutura de sujeito posposto de *small clauses* em Português Brasileiro (doravante PB) seja um caso em que esse fenômeno acontece. Veja os exemplos abaixo:

- (1) a. Inteligente *este menino*.
- b. A Maria acha um gênio *o João*.

Intuitivamente, sabemos que a parte dos enunciados destacada em itálico nos exemplos (1a), uma *small clause* livre, e (1b), uma *small clause* livre encaixada, é pronunciada em uma faixa de frequência mais baixa do que a utilizada no resto da sentença, caracterizando, portanto, mudança de tessitura. Averiguar se essa intuição é verdadeira ou falsa é um dos objetivos do presente artigo. Além disso, pretende-se verificar qual é o padrão entoacional de sentenças exclamativas comuns e se as sentenças clivadas comuns apresentam o mesmo padrão entoacional das *small clauses* livres (doravante SCLs).

Como se trata de um trabalho de interface, primeiramente, na seção 2, veremos como o fenômeno (sintático) de posposição de sujeito em *small clauses* é tratado na literatura por Kato (2007) e, em seguida, na seção 3, veremos como Cagliari (2001) trata o fenômeno de mudança de tessitura.

Na seção 4 apresentaremos o problema mais específico que vamos analisar; na seção 5, vamos mostrar um experimento piloto em fonética acústica e, na seção 6, os seus primeiros resultados.

* Mestranda; Universidade Federal do Paraná.

2. O tratamento sintático das estruturas de sujeito posposto em *small clauses*

2.1. Kato (2007)

Kato (2007) aponta para a diferença entre o comportamento de *small clauses* dependentes e de *small clauses* livres (doravante SCL). SCL's, segundo Kato, ocorrem apenas com adjetivos *individual level*, e sistematicamente exibem o sujeito na posição invertida, como mostram os exemplos a seguir:

- (2) a. Muito competente *esse seu secretário!*
 b. Inteligente *esse menino!*

Já as *small clauses* dependentes, que ocorrem com verbos do tipo ECM, podem ou não ter sujeito posposto, como mostram os exemplos (3a) e (3b).

- (3) a. Maria acha um gênio o João.
 b. Maria acha João um gênio.

Como é possível notar, a *small clause* dependente em (3a) pode ou não apresentar sujeito posposto. Já a SCL em (2a) é gramatical apenas quando apresenta sujeito posposto, como atesta a agramaticalidade de (4a);

- (4) a. *Esse seu secretário muito competente

Para a presente pesquisa, é interessante salientar que as partes dos enunciados destacadas em itálico nos exemplos em (2) parecem ser pronunciadas em uma faixa de frequência mais baixa do que a do resto da sentença, dando indícios, portanto, da existência do fenômeno de mudança de tessitura nessas estruturas de SCL.

Essa observação permite comparar as estruturas de SCL com as clivadas, que são estruturas de focalização. Observe o par de sentenças clivadas apresentado a seguir:

- (5) a. É INTELIGENTE que esse menino é.
 b. É BÊBADO que o homem está.

Aqui, tanto o adjetivo *stage level* quanto o adjetivo *individual level* (ambos destacados em caixa alta nos exemplos) são o foco da sentença. Essas sentenças clivadas, segundo a análise de Kato (2007), são resultado de um movimento do predicado que possui o traço +F para a posição de foco sentencial, FP:

- (6) a. É _{[FP [INTELIGENTE_{+Fi}]]} que_{+F} _[IP0 menino é t_i]]
 b. É _{[FP [BÊBADO_{+Fi}]]} que_{+F} _[IP0 homem está t_i]]

A análise de Kato atribui às construções de SCL uma estrutura semelhante àquela das estruturas clivadas:

- (7) a. _{[AP [INTELIGENTE_{+F}]_i [AP t_i [este menino]]]}
 b. *_{[AP [Bêbado_{+F}]_i [AP t_i [esse homem]]]}

Porém, como é possível observar no exemplo (7b), com adjetivos do tipo *stage level* a SCL é agramatical, pois como Kato (2007) já havia observado SCLs só acontecem com adjetivos *individual level* ou de evento. Assim, a semelhança que Kato (2007) quer apontar fica restrita ao exemplo em (7a), onde de fato a SCL pode exibir a estrutura apresentada em (6b), com a diferença de que aqui o traço +F está no adjetivo.

A conclusão de Kato (2007, p. 15) é a de que as SCLs em PB são sentenças clivadas finitas comuns. Para fazer tal afirmação, a autora se vale da designação de uma “terceira cópula”. Kato nos mostra que a “terceira cópula” pode selecionar tanto um CP quanto uma *small clause*, seu predicado sempre tem foco e pode ser apagada caso esteja em posição inicial (as palavras destacadas em itálico representam a “terceira cópula”):

- (8) a. *É* bonita que a sua meia *é*.
b. *É* bonita a sua meia!

No exemplo (8b) a terceira cópula é apagada. Kato salienta que se tivéssemos um verbo *stage level* dentro do CP não teríamos a “terceira cópula” em (8b). Segundo a autora, o que distingue uma sentença clivada finita comum de uma SCL é que a terceira cópula é apagada e, dessa forma, as SCLs em PB são ordinariamente sentenças clivadas finitas comuns. Se esse é o caso, podemos hipotetizar um mesmo padrão entoacional para as estruturas de sujeito posposto de *small clauses* e para as sentenças clivadas (que em geral são estruturas de foco identificacional), exibindo em particular mudança de tessitura após a realização do foco. A fim de verificar essa hipótese, foi elaborado um experimento piloto em fonética acústica, que será descrito na seção 5.

2.2. Sibaldo (2009)

Sibaldo (2009, p. 58) identifica os seguintes tipos de construções predicacionais no PB: i. construções copulativas canônicas; ii. construções com verbo cópula fronteado; iii. *small clauses* livres. Esses três tipos de construções encaixam-se no grupo das sentenças classificadas como predicacionais.

Nas SCLs, segundo o autor, o predicado precede o sujeito e não há, aparentemente, nenhuma cópula flexionada e nenhuma marca morfológica de tempo, entretanto o tempo presente é entendido na subjacência. Analisando sentenças do Árabe, do Hebraico e do Russo, Sibaldo (2009, p. 61) afirma que no tempo presente a presença da cópula é opcional nas sentenças. Dessa maneira, embora as SCLs do PB não apresentem tempo morfológico, o tempo presente é entendido subjacentemente.

Porém o fator mais interessante para esse estudo é a afirmação de que as SCLs são sentenças exclamativas. As SCLs são definidas por Sibaldo (2009, p. 18) como um “(...) tipo de sentença exclamativa com um aparente ‘apagamento’ da cópula, tendo a seguinte ordem de constituintes: *Predicado + DP (...)*”.

Para sustentar a afirmação de que as SCLs e as que-SCLs¹ são sentenças exclamativas, Sibaldo apresenta argumentos como o de que, da mesma maneira que uma sentença exclamativa não pode ser negada, uma SCLs também não pode. Porém, as que-SCLs, cf. (9a) não podem ser precedidas de um item de polaridade negativa, enquanto que uma SCL, cf. (9b) pode:

¹ Sibaldo (2009) chama de que-SCL uma SCL precedida de *que*, como no exemplo “Que lindo o dia!”

- (9) a. (*que) nem (*que) pouco bonita a Maria!
b. Nem um pouco bonita a Maria!

Para verificar se as SCLs e as sentenças exclamativas realmente têm alguma coisa em comum, iremos verificar, por meio do experimento piloto em fonética acústica descrito na seção 5, qual é o padrão entoacional das sentenças exclamativas comuns e, em seguida, qual é o padrão entoacional das SCLs.

3. A mudança de tessitura

Cagliari & Massini-Cagliari (2001) citando Mateus *et alli* (1990, p. 193)² definem tessitura como “a escala melódica do falante, i.e. os limites em que se situam os seus valores mais altos e mais baixos de F0, quando fala normalmente”.

A tessitura de um falante pode variar conforme os seus objetivos expressivos. Essa variação na tessitura acontece quando o falante abaixa ou aumenta de forma considerável a sua frequência fundamental com relação às frequências mais altas e mais baixas que costuma utilizar em sua fala normal.

A tessitura é aqui tomada como um elemento prosódico que pode ter relação com a entoação. Os autores salientam que em alguns trabalhos o termo supra-segmental recebe o nome de prosódico, mas afirmam que nem sempre é possível fazer tal afirmação, uma vez que há dois tipos de fenômenos que atingem os segmentos:

- a) Supra-segmentais: características sonoras que se estendem por mais de um segmento, mas em uma extensão pequena;
- b) Prosódicos: atinge pelo menos a extensão de uma sílaba, mas pode também atingir uma palavra ou até uma frase inteira (acento, tom, entoação).

Cagliari & Massini-Cagliari (2001) tratam da tessitura e da entoação de forma conjunta, porque a proximidade desses dois fenômenos é bastante evidente, ou seja, enquanto a entoação “(...) é construída sobre as variações de F0 nos limites do enunciado (...)”, a tessitura “(...) focaliza as variações nos intervalos entre a frequência mais baixa (mais grave) e a mais alta (mais aguda) do indivíduo.” (p. 2) Dessa forma, mesmo que haja uma variação na tessitura, o desenho dos padrões entoacionais continua intacto, uma vez que a variação na tessitura apenas desloca esses padrões para níveis mais agudos ou mais graves.

Os autores mostram que a mudança de tessitura, seja um aumento ou uma queda, ocorre em lugares muito específicos de um texto; por exemplo, há queda na tessitura quando o falante faz uma digressão semântica com relação ao tópico ou quando põe entre parênteses uma ideia menos importante. Tessituras altas, por sua vez, ocorrem quando o falante quer chamar atenção para o que está dizendo e ocorre nos casos de vocativo ou quando uma parte do texto recebe ênfase em relação às demais. Assim, uma tessitura baixa coloca as ideias em posição marginal, enquanto uma tessitura alta realça uma ideia.

É importante salientar que “(...) a variação da tessitura não deve ser confundida com variações que podem ocorrer dentro dos padrões entoacionais, sobretudo em caso de tons secundários” (Halliday, 1970³ *apud* Cagliari & Massini-Cagliari, 2001, p.5). Além disso, é preciso lembrar que a leitura de sentenças tem características de pronúncia diferentes da fala espontânea e, por isso, devemos tomar certos cuidados na hora de elaborar um experimento que pretenda observar a mudança de tessitura.

² MATEUS, M.H. *et alli*. *Fonética, Fonologia e Morfologia do Português*. Lisboa: Universidade Aberta, 1990.

³ HALLIDAY, M.A.K. *A course inspoken English: intonation*. London: Oxford University Press, 1970.

4. A mudança de tessitura em sujeitos pospostos de *small clauses*

Um dos principais objetivos do presente artigo é averiguar se as SCLs apresentam de fato o fenômeno da mudança de tessitura. Os exemplos relevantes já foram apresentados em (1) e estão reproduzidos em (10) – supomos que as partes dos enunciados destacadas em itálico apresentem mudança de tessitura:

- (10) a. Inteligente *este menino*.
b. A Maria acha um gênio *o João*.

No exemplo (10a) temos uma SCL, estrutura que sempre apresenta sujeito posposto. Em (10b) temos o que Kato (2007) chama de *small clause* livre encaixada⁴ e, nesse caso, o sujeito pode ou não ser posposto, como já vimos em (1b) e (4b):

- (11) a. A Maria acha um gênio *o João*.
b. A Maria acha *o João* um gênio.

Nossa hipótese é que os enunciados em (10) apresentarão um mesmo padrão entoacional em particular no que se refere à mudança de tessitura exibida pelo constituinte em itálico; adicionalmente, se Kato (2007) está correta, esse mesmo fenômeno deve também ser observável nas clivadas, já que elas colocam em jogo o mesmo tipo de focalização por movimento que se observa nas SCLs. O enunciado em (11b), entretanto, não parece ter o mesmo padrão entoacional de (11a), o que também será verificado.

No entanto, Sibaldo (2009) defende que as SCLs são na verdade estruturas exclamativas e, se é assim, seria necessário verificar se os fenômenos entoacionais observados nas SCLs e nas exclamativas comuns partilham algumas características, incluindo a mudança de tessitura. Por esta razão, também o padrão entoacional das exclamativas comuns será examinado em nosso experimento piloto.

5. O experimento piloto

Para que fosse possível comparar a entoação das sentenças exclamativas comuns com as clivadas e com as SCLs foi necessária a montagem de um experimento piloto em fonética acústica.

O experimento piloto foi realizado tendo como base a leitura dirigida, ou seja, cada sentença foi apresentada ao informante inserida em um contexto que supostamente favorecia a interpretação relevante para os propósitos deste trabalho. Para essa apresentação dos dados utilizaram-se os recursos com do programa *Power Point*.

Os informantes são falantes nativos do português, um do sexo masculino e outro do sexo feminino, ambos pós-graduandos, na faixa etária entre 20 e 25 anos. O *corpus* foi constituído de 15 sentenças, cada uma delas inserida em um contexto discursivo diferente. Foi pedido aos informantes que lessem em voz alta a sentença alvo depois de ler silenciosamente o seu contexto. Foram feitas duas rodadas com cada informante para garantir a integridade dos dados. Sendo assim, os dados contabilizaram o total de 30 sentenças de cada informante.

⁴ Sibaldo (2009), entretanto, argumenta que a estrutura que aparece depois do verbo ECM é uma *small clause* complemento, e não uma SCL.

As sentenças escolhidas para o piloto foram divididas em 5 grupos, cada qual contendo 3 sentenças. A escolha por esses grupos ficará clara na discussão dos resultados:

- (12) *Sentenças exclamativas comuns:*
 - a) Puta que o pariu!
 - b) Que bons ventos o levem!
 - c) Esse pau no cu do Felipe Melo!
- (13) *Sentenças clivadas:*
 - d) É inteligente que o menino é.
 - e) É lindo que a sua meia é.
 - f) É bêbado que o homem está.
- (14) *SCLs:*
 - g) Inteligente esse menino!
 - h) Linda a sua meia!
 - i) Muito competente esse seu secretário!
- (15) *SCLs encaixadas:*
 - j) Maria achou inteligente esse menino!
 - k) Joana achou linda a sua meia!
 - l) Maria acha um gênio o João!
- (16) *SCLs encaixadas sem posposição de sujeito:*
 - m) Maria achou esse menino inteligente!
 - n) Joana achou sua meia linda!
 - o) Maria acha o João um gênio!

Para a gravação das sentenças foi utilizado o programa Cubase. O microfone utilizado foi o microfone Shure KSM 27, com taxa de amostragem do sinal a 44100Hz. A análise dos dados foi feita com a utilização do programa PRAAT, versão 5.1.38 e do *script* MOMEL/INTSINT for PRAAT, versão 10.3.

Segundo Celeste (2007), o MOMEL foi proposto por Hirst em 1983 com o intuito de reduzir a curva de frequência fundamental a pontos-alvo. Os dados do MOMEL, por sua vez, podem ser passados através do INTSINT para representações qualitativas. O INTSINT, segundo Celeste (p. 56), “(...) foi desenvolvido durante a preparação de um estudo entoacional de 20 línguas com a expectativa de se postular um sistema de códigos para análise prosódica que fosse capaz de representar qualquer distinção entonativa significativa”. Assim, o INTSINT é um programa que faz uma descrição da curva entoacional de um enunciado já modalizado pelo MOMEL.

O INTSINT utiliza uma série de símbolos ortográficos abstratos para representar os pontos alvos obtidos através da estilização feita pelo MOMEL, são eles: T (top), M (mid), B (bottom), H (higher), S (same), L (lower), U (upstepped), D (downstepped). Três desses símbolos apresentam valores absolutos para cada falante: T, M e B. T e B correspondem aos pontos alvos mais alto e mais baixo respectivamente para cada falante, representado, dessa maneira, a sua tessitura. Os outros pontos, H, S, L, U e D, são estabelecidos a partir do ponto antecedente.

6. Primeiros resultados do experimento piloto

Foi possível notar a partir dos resultados do experimento piloto que a faixa de variação de *pitch* foi maior na informante mulher do que no homem, uma observação recorrente na literatura. Isso facilitou bastante o trabalho de visualização e também de descrição dos resultados.

Outra observação importante é que nas sentenças com muitas consoantes plosivas, sibilantes ou desvozeadas a curva entoacional fica excessivamente entrecortada, o que possivelmente prejudica os cálculos feitos pelo MOMEL para estabelecer os pontos relevantes da curva; observe os exemplos a seguir e veja a diferença:

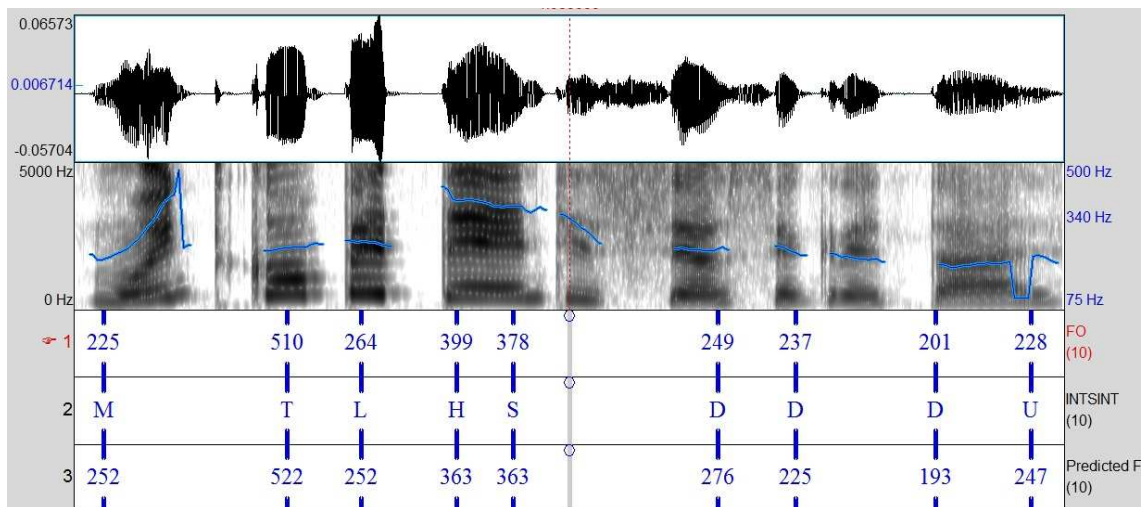


Figura 1. Tela do programa PRAAT com a curva da sentença “Muito competente esse seu secretário” realizada pelo INTSINT

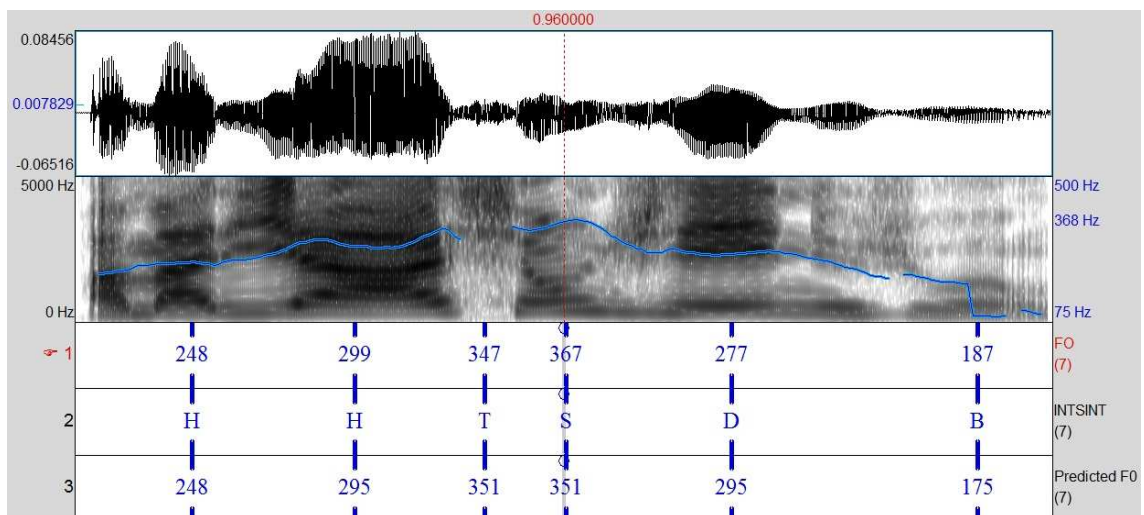


Figura 2. Tela do PRAAT com a curva da sentença “A Maria acha um gênio o João” realizada pelo INTSINT

A linha azul posicionada sobre o espectrograma representa a curva de *pitch* de cada figura. Enquanto na Figura 1 verificam-se muitas discontinuidades nessa linha, na Figura 2 a linha apresentada é mais contínua. Isso acontece porque o número de consoantes desvozeadas,

plosivas e sibilantes é bastante grande na sentença da Figura 1. Já na sentença da Figura 2 há apenas duas sibilantes.

Assim, estes primeiros resultados mostram que para os próximos experimentos é preciso controlar o número de consoantes desvozeadas, plosivas e sibilantes para que elas não prejudiquem a análise. Também será dada preferência para as informantes mulheres, já que a curva de *pitch* é mais visível do que a dos homens.

Agora passemos primeiramente à análise entoacional das sentenças exclamativas comuns para verificar sua semelhança com o padrão que, em seguida, observaremos nas SCLs. Num segundo momento, vamos então verificar se as sentenças clivadas e as SCLs têm o mesmo padrão entoacional.

6.1. As exclamativas comuns

Dada a inexistência de trabalhos que estudem o padrão entoacional das sentenças exclamativas comuns do português, decidiu-se adicionar ao experimento piloto algumas sentenças exclamativas comuns. Vale ressaltar que as sentenças exclamativas de um modo geral têm sido pouco tratadas pelos linguistas. Um dos trabalhos recentes que trata de um tipo de sentenças exclamativas é a tese de Sibaldo (2009), que são as SCLs em sua análise. Mas esse autor não contempla um estudo especificamente sobre a entoação dessas sentenças.

O conjunto de sentenças exclamativas comuns a ser testado aqui é constituído pelas sentenças apresentadas em (12) e reproduzidas aqui como (17):

- (17) Sentenças exclamativas comuns:
- a) Puta que o pariu!
 - b) Que bons ventos o levem!
 - c) Esse pau no cu do Felipe Melo!

Por meio da análise obtida através dos programas INTSINT/MOMEL, percebemos que em (17a) e (17c) tanto para o informante do sexo masculino quanto para a informante do sexo feminino houve um mesmo padrão entoacional: foco no início da sentença e descida suave no final da sentença.

Já (17b), uma exclamativa canônica (e um tanto literária) começada por 'que', notamos um padrão um pouco diferente das demais. Observe a figura abaixo:

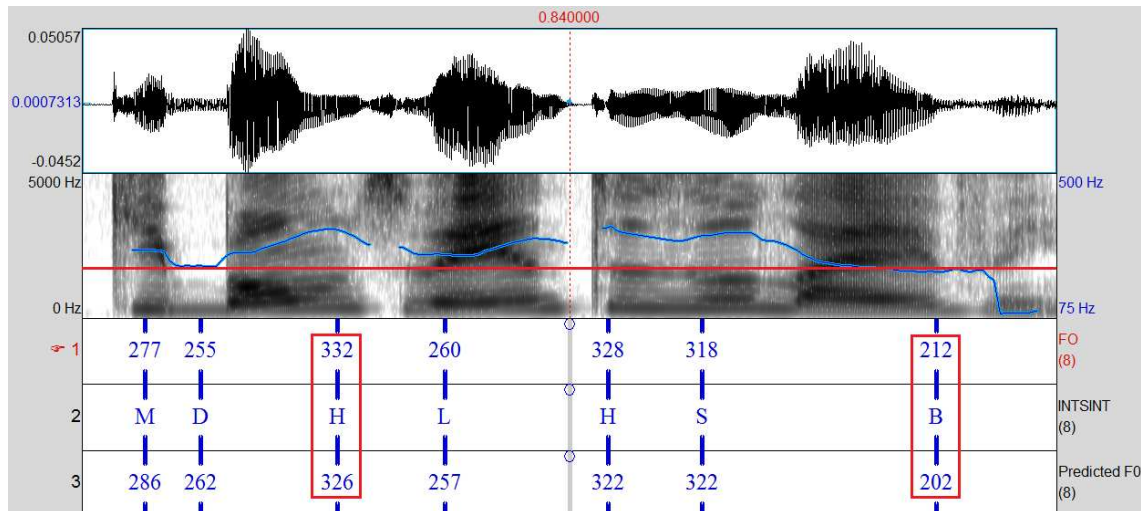


Figura 3. Tela do programa PRAAT com a curva da sentença “Que bons ventos o levem” realizada pelo INTSINT⁵

A curva azul na Figura 3 mostra a curva de *pitch* da sentença (17b). Pode-se notar que há foco depois da palavra ‘que’ e uma descida brusca ao final da sentença. Observe que o abaixamento da curva azul no final da sentença mostra que o falante abaixa de forma considerável a sua frequência fundamental com relação às frequências mais altas e mais baixas do resto da sentença. A linha vermelha horizontal mostra como a parte final do enunciado é produzida em uma faixa de frequência mais baixa do que a do resto da sentença.

Os quadros em vermelho na Figura 3 mostram os valores de *pitch* mais alto e mais baixo respectivamente: o primeiro valor assinalado corresponde ao foco da sentença e o segundo valor, por sua vez, corresponde ao valor mais baixo da sentença. O acento mais proeminente de toda a sentença é, evidentemente, aquele que recai sobre o foco.

É importante ressaltar que nos dados do informante masculino não foi observada tanta variação na curva de *pitch*, porém também houve um padrão alto no início da sentença com abaixamento no final. Experimentos futuros devem confirmar se este é efetivamente um caso de mudança de tessitura, dada a inexistência de padrão semelhante em exclamativas do linguajar mais corriqueiro dos falantes nativos de PB.

6.2. Clivadas e SCLs: mesmo padrão entoacional?

Nesta seção, nossa preocupação se volta para o padrão entoacional das sentenças clivadas e das SCLs

Em primeiro lugar, vamos nos voltar para o padrão das clivadas apresentadas em (13) e reproduzidas aqui como (18):

- (18) Sentenças clivadas:
- É inteligente que o menino é.
 - É linda que a sua meia é.
 - É bêbado que o homem está.

⁵ Escolhemos o dado da informante mulher para exposição, pois, como já havíamos comentado, a faixa de variação de *pitch* foi maior na informante mulher do que na do homem.

Também por meio da análise obtida através dos programas INTSINT/MOMEL, percebemos que tanto os adjetivos *individual level* em (18a) e (18b) quanto o adjetivo *stage level* em (18c) exibem o acento principal da sentença. Esse fenômeno se deu tanto nos dados da informante do sexo feminino quanto nos dados do informante do sexo masculino e é exatamente o esperado, dada a estrutura focalizada em jogo e tudo o que se sabe sobre a realização prosódica de foco.

Observe agora a figura abaixo que corresponde à sentença (18b):

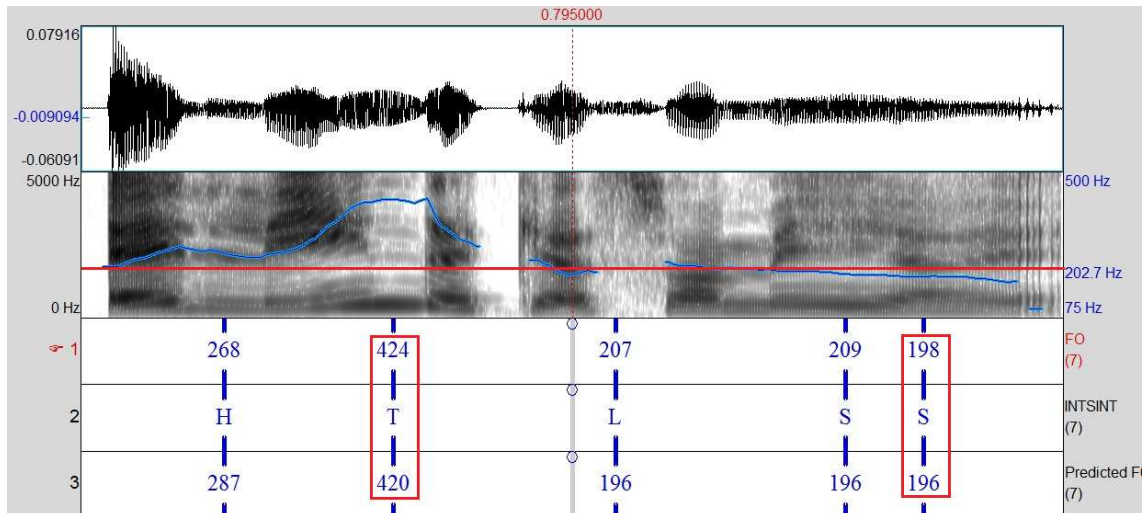


Figura 4. Tela do programa PRAAT com a curva da sentença “É linda que a sua meia é” realizada pelo INTSINT

Observando a Figura 4 podemos ter uma boa ideia do padrão entoacional das sentenças clivadas: acento proeminente sobre o foco que é o constituinte localizado entre a cópula e o CP, e um notável abaixamento da curva de *pitch* a partir do CP, indicando mudança de tessitura.

A curva de *pitch* observada em (18a) e (18c) é bastante parecida com a de (18b) apresentada na Figura 4. Observamos, entretanto, que na curva de (18c), sentença que apresenta adjetivo *stage level*, a queda no final da sentença não foi tão brusca quanto nas demais, um resultado que ainda deve ser avaliado.

Araújo (2010) faz uma comparação entre clivadas e relativas a partir de apontamentos feitos por Mioto & Negrão (2007)⁶ e observa que nas clivadas há uma diferença bastante grande quanto à distribuição de acentos sobre o foco e o CP da sentença. Araújo afirma ainda que em 100% dos dados analisados o acento que recai sobre o foco apresenta tom alto. Depois do foco, entretanto, há um rápido abaixamento da curva entoacional indicando a mudança de tessitura. Os resultados obtidos por meio do presente experimento piloto no que diz respeito às sentenças clivadas coincidem com os resultados do autor.

Araújo (2010, p. 114) aponta ainda para uma possível relação entre a entoação das sentenças clivadas e a sua estruturação sintática, uma vez que nessas construções “(...) a informação sintática e a informação prosódica de foco se unem para expressar a estrutura informacional do enunciado”. Enquanto há um contorno de *pitch* mais alto para os constituintes focalizados em uma posição sintática bem definida, as projeções que seguem CP exibem queda da faixa de F0 caracterizando a mudança de tessitura.

⁶ MIOTO, c. & NEGRÃO, E.V. As sentenças clivadas não contêm uma relativa. In: Castilho, A. et all (org). *Descrição, história e aquisição do Português Brasileiro*. São Paulo: Fapesp/Campinas: Pontes, 2007.

Passemos agora às SCLs apresentadas em (15) e reproduzidas em (19):

- (19) SCL's:
- a) Inteligente esse menino!
 - b) Linda a sua meia!
 - c) Muito competente esse seu secretário!

Em todas as sentenças em (19) observamos, como já era esperado, um considerável abaixamento da curva de F0 no final da sentença. Observe a figura abaixo:

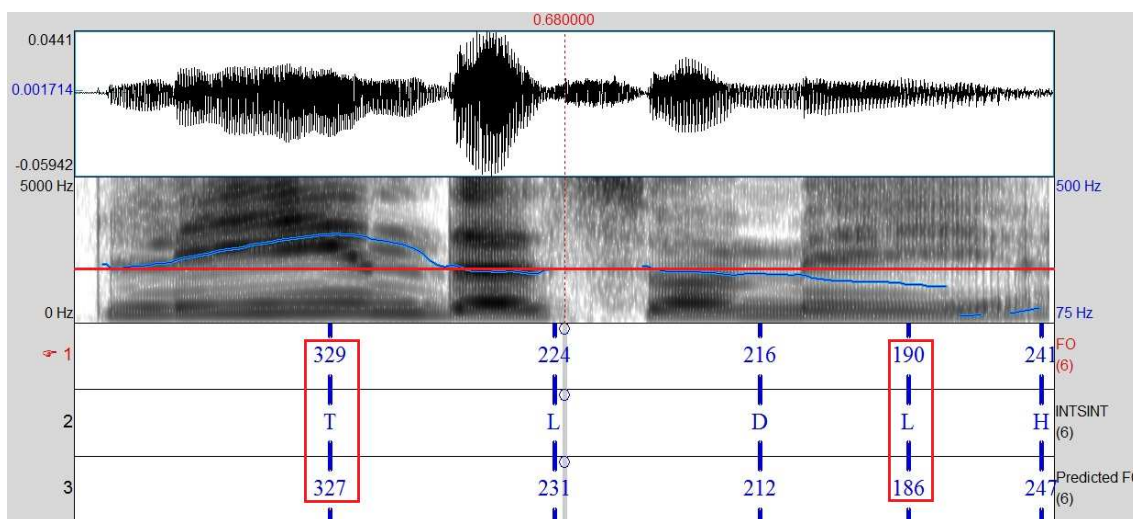


Figura 5. Tela do programa PRAAT com a curva da sentença “Linda a sua meia” realizada pelo INTSINT

A Figura 5 mostra a curva de *pitch* da sentença (19b). Como mostra a linha horizontal vermelha, a parte do enunciado que corresponde ao sujeito posposto apresenta uma faixa de frequência menor do que o resto da sentença. Os valores destacados pelas caixas vermelhas mostram bem a diferença da faixa de frequência do predicado, no início da sentença, e do sujeito, no final. Sobre o adjetivo, foco da sentença, recai, como já era esperado, o acento principal da sentença. Como para todos os outros dados do experimento piloto, a curva de *pitch* das SCLs variou muito mais no informante do sexo feminino, mas ainda assim, em todos os dados foi possível perceber uma queda na faixa de frequência no final do enunciado.

Note-se que na sentença (19c) é um pouco mais difícil notar a mudança de tessitura do que nas demais. Acreditamos que tal fato se deva ao número de consoantes surdas e sibilantes presentes nessa sentença, que pode ter prejudicado a clareza da curva entoacional como já havíamos notado.

Tendo em vista os resultados obtidos, podemos afirmar que as sentenças clivadas e as SCLs parecem partilhar um mesmo padrão entoacional, uma vez que ambas apresentam foco no início – e, portanto, um valor alto para F0 neste ponto da sentença – e abaixamento da curva entoacional a partir do final do foco se estendendo até o final do enunciado, caracterizando dessa forma, uma mudança de tessitura.

Tal conclusão reforça a análise de Kato (2007), uma vez que a autora afirma que as derivações das SCLs seriam paralelas às derivações das clivadas. Assim sendo, não é de espantar que ambas as estruturas apresentem um mesmo padrão entoacional.

Para finalizar, retomaremos as sentenças ditas SCLs encaixadas apresentadas em (15) e (16) e reproduzidas aqui como (20) e (21):

- (20) SCL's encaixadas:
- a) Maria achou inteligente esse menino!
 - b) Joana achou linda a sua meia!
 - c) Maria acha um gênio o João!
- (21) SCL's encaixadas sem posposição de sujeito:
- d) Maria achou esse menino inteligente!
 - e) Joana achou sua meia linda!
 - f) Maria acha o João um gênio!

Como havíamos hipotetizado, as sentenças em (20) apresentam um padrão entoacional bastante parecido com o das SCLs, com a mudança de tessitura a partir do foco da sentença se estendendo até o final do enunciado. Já as sentenças em (21) apresentam também uma descida no final dos enunciados, porém uma descida muito mais suave do que a dos enunciados em (20), caracterizando apenas uma sentença declarativa banal, cf. Tenani (2002, p. 35-39).

7. Conclusão

O presente artigo teve como objetivo investigar se as SCLs apresentam mudança de tessitura e de estabelecer uma comparação entre as estruturas clivadas e as SCLs. Igualmente, queríamos verificar se as SCLs partilham propriedades entoacionais com a sentenças exclamativas comuns.

A partir dos resultados discutidos na seção 6, verificamos que as estruturas clivadas e as SCLs apresentam de fato um mesmo padrão entoacional.

A imprecisão na definição mesma do que é uma sentença exclamativa e nos resultados obtidos neste nosso experimento piloto nos fazem postergar qualquer comparação de padrões entoacionais exclamativos e padrões entoacionais das SCLs.

Com esses resultados podemos pensar em uma relação, mesmo que indireta, entre padrão entoacional e sintaxe, já que tanto o foco da sentença quanto a queda na faixa de frequência ocorrem em ambientes sintáticos bastante precisos. Sabemos, entretanto, que por ser este um estudo ainda em fase inicial, são necessários alguns ajustes, que serão apresentados em trabalhos futuros.

Referências

- ARAÚJO, F. M. *A entoação de sentenças clivadas e pseudo-clivadas no Português Brasileiro*. 2010. 125 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.
- CAGLIARI, L.C. & MASSINI-CAGLIARI, G. O papel da tessitura dentro da prosódia portuguesa. In: Castro, I. & I. Duarte (org.) *Razões e Emoção*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2001, pp. 67-85.
- CELESTE, L. C. *MOMEL e INTSINT: uma contribuição à metodologia do estudo prosódico do Português Brasileiro*. 2007. 222 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.
- KATO, M. Free and dependent small clauses in Brazilian Portuguese. *DELTA*, vol. 23, PUC-SP, São Paulo, 2007. p. 85-111.
- MIOTO, C. & NEGRÃO, E.V. As sentenças clivadas não contêm uma relativa. In: Castilho, A. et al (org.) *Descrição, história e aquisição do português brasileiro*. São Paulo: Fapesp/Campinas: Pontes, 2007.



Anais do IX Encontro do CELSUL
Palhoça, SC, out. 2010
Universidade do Sul de Santa Catarina

SIBALDO, M. A. *A sintaxe das small clauses livres do Português Brasileiro*. 2009. 202 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Alagoas, Maceió.

TENANI, L.E. 2002. 311f. *Domínios prosódicos no Português do Brasil: implicações para a prosódia e para a aplicação de processos fonológicos*. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas.